

Além do falo¹

Luís Fernando Orduz², Bogotá

RESUMO: O autor defende que os discursos que se baseiam na ideia de unidade como identidade pura, tendem a qualificar qualquer sinal de diferença como impureza, direcionando essas noções diversas para as margens sociais ou conceituais. Refere que se alguma marca da sexualidade (da bissexualidade, como Freud a enunciou) surgisse no inconsciente, seria a marca de uma oscilação, de um movimento ambivalente, dinamizado por uma energia móvel, que faz com que os processos inconscientes estejam em permanente transmutação. Se há algo fundante, não é tanto um significante, mas um movimento oscilante que nos mostraria que a sexualidade muda entre diversidades permanentes e formas unitárias transitórias. A psicanálise pode ser pensada como uma política do desejo, e o desejo como uma subversão do poder estabelecido que reprime e coagula a diversidade a partir da construção de identidades unitárias inquestionáveis. Nesse sentido, a presença de discursos de gênero e feminilidade é fundamental porque é do continente escuro onde o inconsciente pulsa e fala como uma singularidade.

PALAVRAS-CHAVES: sexualidade, desejo, inconsciente, transmutação, diversidade.

I. Introdução

Magnus Hirschfeld é um psicanalista alemão, pouco conhecido, creio, que aparece em algumas citações de Sigmund Freud nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) e cujo nome deve respaldar algumas atas que atestam sua participação na criação da Associação Psicanalítica de

1. Tradução para o português: Adalberto A. Goulart.

2. Membro titular da Sociedade Colombiana de Psicanálise, ex-Presidente da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL).

Berlim em 1908.

Sua proximidade com Freud certamente foi gerada porque Hirschfeld considerava que o ser humano era uma combinação única e irrepetível de traços masculinos e femininos, no sentido biológico. Tese da qual ele nunca se separou³.

Hirschfeld é certamente mais conhecido em outros círculos, pois foi um defensor ativo dos direitos dos homossexuais na Alemanha. Magnus criou um comitê de defesa em 1897, que apoiou a ideia de eliminar um artigo do código alemão onde os homossexuais eram condenados como criminosos, pelo qual podiam ser presos.

Trago o nome de Hirschfeld porque foi ele quem cunhou o conceito de travesti pela primeira vez, em 1910. Além de ter criado a primeira revista de sexologia em 1908 e em 1919 criar o Instituto para o estudo da sexualidade por onde Lili viajou pela primeira vez, Lili Elbe, a garota dinamarquesa. Este médico alemão também é historicamente conhecido porque em 10 de maio de 1933 sua biblioteca foi invadida e incinerada pela máfia nazista, que também empalou um busto escultural de Magnus, como um emblema do que tinha que ser feito com qualquer ideologia anti-pureza alemã.

II. O puro

A noção de pureza racial hoje é sinal dessa ideologia totalitária genocida, mas nem o nazismo nem a ideia de pureza desapareceram; como todo mal, eles sofreram mutações para sobreviver. A ideia de pureza, por exemplo, continua presente em outros cultos como o culto da pureza das ideias, ou o culto da pureza da identidade das nações, dos sexos, ou simplesmente como culto do conceito ilusório de identidade como unicidade.

Os discursos que se baseiam nessa ideia de unidade como identidade pura, tendem a qualificar qualquer sinal de diferença como impureza, direcionando essas noções diversas para as margens sociais ou conceituais. As

3. Ao que parece, além das divergências com Jung, sua própria postura biológica acabou incomodando o círculo psicanalítico que, além da ideia naturalista, pensava em uma bissexualidade psíquica.

impurezas não devem ser validadas dentro dos centros racionais de conhecimento instituído. Há identidades puras que valem ouro, há identidades mestiças ou impuras que valem cobre.

O que não se aproxima do centro é marginalizado até o limite, localiza-se no *limen*, é eliminado. Nesses sistemas identitários há um centro claramente definido que se olha no espelho e valida seu reflexo, marginalizando tudo o que não reflete sua imagem.

No século XIX, reinava o discurso da ciência positivista e suas diversas expressões, biológicas, médicas e genéticas, tornaram-se a norma e o paradigma explicativo do humano. A sexualidade era entendida como um fato anatomofisiológico que tinha um propósito claro: a reprodução. Situação que a Igreja Católica, então reinante no Ocidente, aceitava placidamente, a Sagrada Família perpetuou seu lugar nodal na ciência e nas crenças.

Qualquer sexualidade pensada fora do que o entendimento biológico naturalista indicava, era um sinal de aberração, portanto as condutas homossexuais deveriam ser condenadas por serem atos contra a natureza da reprodução.

III. E quanto a Freud?

Quando Freud começou a falar sobre sexualidade nos Três ensaios, a primeira coisa que ele destacou é que a sexualidade humana não fazia uma ligação permanente por natureza a um objeto sexual, os casos de homossexualidade, zoofilia, fetiches, assim indicavam. Da mesma forma, argumentou que o fim da relação sexual não era o único objetivo perseguido pela sexualidade humana, como corroborado pelo onanismo, voyeurismo, felação, cunilíngua, sodomia, que povoam as histórias de pacientes daquela e desta época.

A teoria de Freud desnaturalizou a sexualidade, os Três ensaios são um reconhecimento de sua pluralidade. Essa ideia da sexualidade humana como diversa também está presente em seu trabalho sobre um caso de

homossexualidade feminina, onde alerta para os riscos de uma literatura sobre homossexualidade que não separasse as questões da escolha do objeto daquelas correspondentes às características sexuais tanto somática quanto psíquica.

Nesse trabalho sobre a homossexualidade feminina, Freud entende a sexualidade como um conjunto de três categorias: natureza genética, identidade de gênero (ativo-passivo) e escolha de objetos, que não estabelecem correspondências causais ou lineares, mas se ramificam em várias possibilidades (Orduz, 2020, 8 hipóteses LGBTI).

Mas a obra em que gostaria de me deter um pouco é sua escrita de 1911, onde Freud destacou uma questão-chave entre as Memórias de um magistrado alemão do século XIX: Qual será a sensação de ser mulher no momento da relação sexual?

Essa pergunta tem uma resposta de repúdio em Schreber, repúdio que qualquer macho da época ou destes tempos tende a realizar. Essa rejeição dessa ideia que vive dentro do jurista alemão, serve a Freud para revelar o mecanismo paranoico que é acionado nos machos diante da percepção de seus impulsos homossexuais e da emasculação contingente, castração, que isso geraria.

Essa descrição me parece interessante para pensar como se estrutura, a partir do lado masculino, essa dinâmica paranóide, quando somos confrontados com essa posição diversa que nos habita. Esse funcionamento paranóico é o que possivelmente leva os homens a construir imagens monstruosas do que é um alter, uma alteridade. O feminino, não podendo ser simbolizado como parte de si mesmo, torna-se diabólico (lembre-se que em grego símbolo e diábolo são antônimos).

Brincando com as palavras, fica-se paranoico para não ver o outro como ele é, mas para vê-lo como uma ameaça, o feminino, ou melhor, o diferente, torna-se monstruoso, esse é também o jeito bem americano (do cinema de Hollywood) de ver o estrangeiro, como algo disforme e ameaçador. O diferente emerge como ameaça de castração, mas não a partir do fálico, mas de identidades narcísicas unitárias. O falo é para alguns homens

uma representação de sua identidade, de sua masculinidade mais fálica, mas há sempre um além.

Essa reflexão me leva a pensar que se alguma marca da sexualidade (da bissexualidade, como Freud a enunciou no início de sua correspondência com Fliess) surgisse no inconsciente, seria a marca de uma oscilação, de um movimento ambivalente, dinamizado por uma energia móvel, que faz com que os processos inconscientes estejam em permanente transmutação.

Como tudo que vem do inconsciente, essa sexualidade nos apareceria de forma ambígua, como algo enigmático, incognoscível e insolúvel. Por isso é muito suspeito que esse território queira ser colonizado pela leitura psi masculina, com termos como que no inconsciente haveria um significante primordial, e denomina-lo como falo.

Se há algo fundante, não é tanto um significante, mas um movimento oscilante que nos mostraria que a sexualidade muda entre diversidades permanentes e formas unitárias transitórias. Uma oscilação entre um Eu que tenta apreender uma imagem na qual se reconhecer e outra instância que me recorda que nem tudo é Ego, que também existe Id, que nem tudo é centro, mas que também existem margens e limiares.

O trans é uma desconstrução que desarma o estoque de segurança da identidade.

IV. O Trans

O fenômeno “trans” é o melhor exemplo em nossos dias de que anatomia não é o destino. O sujeito trans nos conscientiza das contradições e ambivalências que animam nossa vida inconsciente. Se na psicanálise se fala tanto em triangularidade, o trans pode ser aquela categoria que coloca a terceiridade contra o binarismo, um é um ou outro, mas um pode ser um e outro, ou ficar no meio do caminho, como se estivesse num limiar entre o um e o outro.

Deveríamos recuperar o significado do prefixo trans, que nos lembra

permanentemente a dinâmica da vida: transitar. Passamos da vida à morte, navegamos em nossas cotidianidades urbanas, viajamos de história em história no interior de nossos consultórios.

Seria ainda mais interessante e poderoso, não colocá-lo como uma terceira-idade para o trans porque senão seria congelado como uma categoria. Trans é o que permite a dinâmica, a transformação, a passagem, a transferência. Trans é Uber em alemão.

Desde o princípio de nossos mitos gregos, trans significa a capacidade de questionar ou de questionar a si mesmo. Pensemos na figura de Tirésias, o primeiro trans da nossa história mítica. O ser mítico que se fez fêmea e se tornou macho, tem outra dualidade constitutiva, uma cegueira que paradoxalmente lhe permitiu observar e prever futuros.

O significado essencial da figura de Tirésias reside no seu papel de mediador: devido aos seus dons proféticos, faz a mediação entre os deuses e os homens; por sua condição andrógina, o faz entre homens e mulheres; e pela excepcional duração de sua vida, ele faz a mediação entre os vivos e os mortos.

O homem que chega diante de Édipo para resolver o enigma da peste não é o representante iluminado e vidente de Apolo, invocado pelo rei tebano, mas um velho, cego, trans ou bi ou indeterminado, que justamente por isso tem o dom ou a força da verdade.

Édipo seria, assim, a encarnação da arrogância de nossos saberes reinantes, que nos fazem cegos à verdade, sempre nebulosa e indeterminada. De certa forma nos assemelhamos ao trágico rei de Tebas, pois em muitas ocasiões, talvez como resultado do confinamento entre nossas quatro paredes e nossos tronos construídos sobre teorias racionais e normativas, ficamos cegos para observar a presença permanente do fenômeno trans das nossas culturas.

Por isso me pergunto, por que uma pergunta tão inovadora sobre trans, seja travestismo, transexualidade, transgênero? quando a história e a diversidade cultural nos conduzem por milhares de casos em que essa suposta excepcionalidade ocidental esteve presente, incluindo nossa própria

européidade racional.

V. Mitologias

A partir da psicanálise construímos leituras libidinais que oscilam entre um narciso unitário e uma triangularidade edipiana. Mas tem que ser necessariamente a visão dos pares antinômicos que regem a experiência amorosa na psicanálise?

Seguindo o modelo da mitologia grega, poderíamos dizer que uma forma de pensar a experiência erótica, poderia passar alternativamente por Zeus ao invés de Narciso e Édipo. Zeus se transforma permanentemente quando é dominado pelo desejo, às vezes se torna uma chuva de ouro, às vezes uma nuvem, um touro, um cisne, etc. Com o mestre do Olimpo, o amor não tem um rosto imutável.

Essa visão de Zeus pode corresponder à diversidade que a libido assume ao se localizar nas diferentes áreas do corpo, embora a diversidade das zonas erógenas não pareça atingir a diversidade de máscaras que Zeus utiliza.

A paixão erótica também poderia ser pensada na mitologia de Dionísio, onde esse deus, que representa o excesso e a embriaguez, se opõe aos limites marcados pelas formas apolíneas, como sugere Nietzsche. A intoxicação dionisíaca, a arrogância, representa uma força ou impulso próximo da ideia essencial da pulsão representada por Freud no conceito de *Dräng*, uma força que rompe qualquer contenção liminar ou normativa

As ménades seriam a expressão feminina desse sentimento dionisíaco, encarnavam o excesso que o elixir do deus causava. Elas dão origem em grego à palavra mania (loucura) e manicômio. As ménades deliram loucamente e são possuídas por sua embriaguez.

Como resultado dessa embriaguez, um deus chamado Poros, personificação da abundância, deixou uma festa em comemoração ao nascimento de Afrodite, estava deitado em um pátio. Penia, a pobreza, tinha ido àquela festa pedir as sobras da comida. Observando um morador de rua, semelhante

a ela, toma a decisão de ter um filho daquele homem embriagado. Eros é o filho da abundância e da pobreza. Da deusa-mãe ele herda aquela falta que o torna um eterno andarilho, um buscador necessitado; do lado do pai, ele herda os recursos para realizar o que sua necessidade impõe.

Toda essa polissemia grega desmorona com o surgimento do deus unitário e patriarcal dos católicos, que impôs a primazia de um único objeto de culto. Lembremos que, para Freud, essa exaltação do objeto é uma das perversões sexuais. Essa supervalorização do objeto limita o julgamento e, portanto, a credulidade do amor torna-se, para Freud, a fonte primitiva do estado autoritário.

VI. Histórico

Décadas atrás, algumas pessoas deixaram seus corpos juvenis se envolverem com os tons musicais de um estilo chamado Glam, cujo ícone principal era a figura ambígua e andrógina de Ziggy Stardust/David Bowie. Só para listar um caso dentro da longa série de travestis que o Ocidente tem adorado musicalmente, onde eu incluiria ainda Alice Cooper, Boy George, Bibi Andersen, Marilyn Mason, só para citar alguns.

A medicina ocidental realizou suas primeiras intervenções de mudança de sexo no início do século XX, com Lili Elbe (a menina dinamarquesa), mas por muitos séculos os corpos foram sofrendo intervenções, em busca de características de um papel sexual diferente daquele que traz a marca de nossos cromossomos.

Para continuar com o tom musical, quero exemplificar o que o amor musical pelas vozes soprano causou nos tempos do barroco. Tudo porque no século XVI, um Papa (Paulo IV) lembrou que nos coríntios, as mulheres eram obrigadas a permanecer caladas na igreja e, portanto, as vozes femininas tinham que ser eliminadas do recinto sagrado. Isso fez com que muitas crianças com belas vozes infantis fossem submetidas à castração química para preservar esse timbre de voz por toda a vida. Por isso foram nomeados *Los Castrati*, que tiveram seu apogeu nos séculos XVII e XVIII.

Alguns, como Domenico Mustafá e Alessandro Moreschi, chegaram ao século XX.

Mas esta castração química ou cirúrgica já existia desde séculos anteriores, prova disso é a presença dos eunucos nas cortes da China Imperial ou na Pérsia dos Darios (há um famoso eunuco persa, Bagoas, que com sua beleza seduziu tanto a Dario III como a Alexandre, o Grande).

Essa transição de um gênero para outro tem inúmeras histórias na civilização humana. Na Índia existem os jistras, que são homens que se comportam e se vestem como mulheres, fato que de alguma forma homenageia seus deuses, que podem ser homens e/ou mulheres.

Há também os Mahu da Polinésia. Nesta tribo, os primogênitos do sexo masculino devem cuidar de seus irmãos mais novos e de seus pais. Essa função implica que assumam uma caracterização física feminina, por isso se vestem e se comportam como mulheres. Os mahu se casam e formam famílias, mas continuam se comportando de maneira afeminada.

Também não devemos esquecer o *woodabe*, onde é tradição que os homens se maquiem e dancem na frente das mulheres e são eles que selecionam suas parceiras para ter relações sexuais temporárias. Como último exemplo, coloquei as virgens juramentadas na Albânia. Mulheres que renunciam às relações sexuais e ao casamento e assumem o papel de homens na família. Geralmente esse fato acontecia em clãs onde não havia homem que pudesse assumir esse papel, ou em famílias onde os homens haviam sido mortos.

A questão no século XXI é que o trans deixou de ser uma máscara, um véu ou uma roupa, um encobrimento transitório, para se tornar um corpo. O prefixo trans tornou-se carne, o que poderia ser uma contradição em relação à mobilidade ou mutabilidade que gostaria de destacar neste conceito.

VII. Simulacro

O trans também serviu, do ponto de vista social, para questionar a

ideia de identidade ou, melhor dizendo, dos simulacros que se constituem como falsas imagens unitárias. Sobretudo como o trans transmutou nossas idiossincrasias, levando nossas subjetividades a adotarem imagens nas quais nos alienamos, acreditando que elas são a essência do nosso ser, mas revelando o disfarce dessas verdades identitárias.

Isso ligaria o conceito trans ao conceito alter. Como diria o conhecido poeta Rimbaud: *“Erramos em dizer: Eu penso, deveríamos dizer me pensam. — Desculpe o jogo de palavras. Eu é outro”*.

Nos processos de alienação, o trans permite vislumbrar seu caráter de simulacro. Assim coloca Nelly Richard (socióloga chilena) quando diz: “A construção da identidade como máscara, realizada pelo travesti, desmascara a vocação latino-americana de retoque. Retoque da falta do próprio através da sobremarca cosmética do estrangeiro.

As cópias que a América faz da Europa são como uma sátira pós-colonial de *“como o primeiro mundo projeta falsas representações de originalidade e autenticidade na imagem latinoamericana, que a América Latina novamente falsifica em uma caricatura de si mesma para satisfazer a demanda do outro”* (Richard, Masculino/Feminino 68).

Existe algo mais travesti do que ver um analista latino travestir sua idiossincrasia vestindo-se como um dândi europeu, pensando como um intelectual francês ou inglês, escrevendo de acordo com os padrões da APA e colocando seu paciente em um divã vienense, que na verdade é de origem otomana? Mas esse trans não nos impacta porque o naturalizamos.

VIII. Limites

Hoje a noção de patologia *borderline* tornou-se muito popular para registrar e diagnosticar o que está por trás de cada escolha, que vai além da normatividade heterossexual. À maneira das tragédias gregas, um coro de educadores, pais e profissionais do campo psi passa o tempo declarando que nossa contemporaneidade precisa estabelecer limites.

Fico me perguntando o por que dessas afirmações e me respondo, o

que está fazendo crise é a noção de limite e seu equivalente, a noção de centro.

Há uma patologia de fronteiras que não pode mais conter as migrações móveis do século, que não podem mais delimitar um eu sou daqui e você é de lá, não há uma maneira uniforme de conter tanta pluralidade. O vírus da diversidade rompeu os diques racionais das taxonomias de Lineu do século XIX. As velhas certezas perdem fundamento hoje.

Nossa psicanálise se fechou para uma compreensão da sexualidade a partir do masculino e a partir daí construíram normas de compreensão que delineavam as leituras sobre os dois gêneros sexuais. As teorias sobre a feminilidade pareciam sair da costela de Édipo como Eva da costela de Adão. Foi criada uma linguagem com referências do sexo masculino em que a mulher tem que construir sua identidade como reflexo. Para uma certa visão psicanalítica, sair desse cânone é um índice de patologia.

As hipóteses, dentro da nossa disciplina, não deveriam ocorrer no âmbito de uma patologização que funciona como um corretor para reintroduzir um modelo de identidade unitária/identitária, ou seja, o moralismo disfarçado de psicanálise. A opção analítica deveria ser pela compreensão dos marcos e das vicissitudes pelas quais nos historicizamos, localizando as formas de transmissão de significados inconscientes, ou a forma como os atores se organizaram ou se vincularam ao interior das matrizes originais. Não é tanto o que somos, mas como nos transformamos, como nos tornamos.

IX. Fala a outra

A leitura da sexualidade centrada no fálico levou muitas analistas da época de Freud a questionar se realmente na menina havia uma construção de sua identidade e de suas escolhas, a partir do minimizado falo clitoriano com a ausência do vaginal. Josine Muller, Karen Horney, M. Klein, afirmaram, ao contrário, que desde os primeiros anos há uma percepção vaginal por parte da menina.

Mas quem, a meu ver, consegue fazer uma voz forte dessa crítica, vem de fora do campo da psicanálise, refiro-me a Simone de Beauvoir, em 1949, com *O Segundo Sexo*. A crítica se concentraria no fato de que Freud derivou uma teoria do feminino a partir do modo como o deus da Bíblia tirou Eva da costela de Adão.

Criada assim, Beauvoir critica essa posição que coloca a mulher na história como um ser determinado e definido em relação ao homem, mas não vice-versa. A compreensão do homem não sai em nenhum momento do feminino, ele foi historicamente construído como absoluto e essencial, deixando a mulher no espaço do Outro.

Essa ideia é retomada vinte e cinco anos depois pelo pensamento de Luce Irigaray, (*O espêculo da outra mulher*, 1974), onde afirma que a mulher se reconhece a partir da alteridade. A mulher é espelho dessa ideia que o homem constitui nela como o outro, assim se imagina e se reconhece.

Não há outro desejo nela, a não ser o que ela não possui, o falo. Parece que psicanalisar uma mulher só é possível se ela puder ser levada a assumir a masculinidade que ela anseia: “a mulher não viveria seu desejo, senão como espera até que finalmente possua um equivalente do sexo masculino” (Irigaray, 2009:17)

Mas, o que acontece se a mulher não passar pelo fálico? Uma mulher que rompesse com essa posição desfaria a ideia de uma unidade que o fálico prega, e a colocaria em um terreno em que o sexo estaria “*praticamente em todas as partes*”. Irigaray diz que a mulher “*goza praticamente com tudo... sempre tecendo, abraçando-se com as palavras, mas também se desfazendo para não fixar-se, não coagular-se... então o que elas desejam não é precisamente nada*”.

Esta visão de Irigaray corresponde ao aforismo lacaniano de que A Mulher não existe. Noção interessante porque por não ter uma marcação unitária, como a que o falo tem para o masculino, a satisfação sexual feminina navegaria por uma diversidade. Essa ruptura com a unidade é o temor do masculino, pois desfaria sua posição subjetiva em que estabelece seu domínio sobre o feminino, algo que o homem teme na ordem patriarcal.

X. O desejo é trans

Poderíamos dizer que na etimologia da palavra desejo está a ideia de trans. Desejo vem do latim *des-siderar*, que se refere ao movimento das estrelas, ou seja, a *sidera*.

Os sacerdotes romanos faziam quadrantes imaginários no céu para observar o movimento das estrelas, esses quadrantes eram chamados de templos. Ou seja, eles con-templavam a *sidera*. Quando uma *sidera* saía do quadro de observação, eram chamadas *desiderações*, ou seja, os desejos, aqueles movimentos das estrelas que não podiam ser enquadrados.

As observações das estrelas dentro da estrutura do templo eram chamadas con-siderações. O desejo é algo que não pode ser enquadrado, o desejo trans-ita. O desejo desmarca e dessubjetiva, desmascara e desconstrói.

Pensar o desejo a partir de um feminino não regido pelo fálico, nos levaria a pensar que não existe um significante universal que coagule a noção de mulher. A feminilidade é uma construção singular, ligada aos fantasmas de cada uma, diria Miguel Leivi.

Wittig dizia que o corpo lésbico sai da lógica binária baseada em um falo possuído ou ansiado. Para ela, a lésbica não é mulher porque não se adapta ao modelo que a torna subsidiária do homem. Na verdade, manter o significado de mulher é manter os significados de suave (*mulier* em latim significa suave). Seria preciso pensar em outras noções como *fêmeina*, que significa amamentar, ou *dona* (senhora)....

Pensar em ser mulher sem cair no binário de ser a outra para o homem, abre uma porta de possibilidades, onde as várias zonas erógenas reinam de forma intercambiável, a mulher é múltipla em suas zonas de prazer: “*a fêmeina está o tempo todo erotizada por que a vagina é como dois lábios que se beijam o tempo todo*”.

O pênis é intermitente, nem sempre está ereto como seu dono gostaria. O poder do falo é oscilante, vacilante, por isso precisa se entronizar e dominar. Nas culturas ligadas aos textos onde o Deus é masculino e único,

o homem tem medo da mulher, por isso precisa dominá-la, domesticá-la.

A psicanálise pode ser pensada como uma política do desejo, e o desejo como uma subversão do poder estabelecido que reprime e coagula a diversidade a partir da construção de identidades unitárias inquestionáveis. Nesse sentido, a presença de discursos de gênero e feminilidade é fundamental porque me parece que é do continente escuro onde o inconsciente pulsa e fala como uma singularidade.

BEYOND THE PHALLUS

ABSTRACT: The author argues that discourses that are based on the idea of unity as pure identity tend to qualify any sign of difference as impurity, directing these diverse notions to the social or conceptual margins. He states that if any mark of sexuality (of bisexuality, as Freud stated it) appeared in the unconscious, it would be the mark of an oscillation, of an ambivalent movement, dynamized by a mobile energy, which causes unconscious processes to be in permanent transmutation. If there is something founding, it is not so much a signifier, but an oscillating movement that would show us that sexuality changes between permanent diversities and transitory unitary forms. Psychoanalysis can be thought of as a politics of desire, and desire as a subversion of established power that represses and coagulates diversity through the construction of unquestionable unitary identities. In this sense, the presence of gender and femininity discourses is fundamental because it is from the dark continent where the unconscious pulsates and speaks as a singularity.

KEYWORDS: sexuality, desire, unconscious, transmutation, diversity.

MAS ALLÁ DEL FALO

RESUMEN: El autor argumenta que los discursos que parten de la idea de unidad como identidad pura tienden a calificar cualquier signo de diferencia como impureza, dirigiendo estas nociones diversas hacia los márgenes sociales o conceptuales. Afirma que si en el inconsciente apareciera alguna marca de sexualidad (de bisexualidad, como decía Freud), sería la marca de una oscilación, de un movimiento ambivalente, dinamizado por una energía móvil, que hace que los procesos inconscientes estén en permanente transmutación. Si hay algo fundante, no es tanto un significante, sino un movimiento oscilante que nos mostraría que la sexualidad cambia entre diversidades permanentes y formas unitarias transitorias. El psicoanálisis puede ser pensado como una política del deseo, y el deseo como una subversión del poder establecido que reprime y coagula la diversidad a través de la construcción de identidades unitarias incuestionables. En este sentido, la presencia de los discursos de género y feminidad es fundamental porque es desde el continente oscuro donde el inconsciente pulsa y habla como singularidad.

PALABRAS CLAVE: sexualidad, deseo, inconsciente, transmutación, diversidad.

REFERÊNCIAS:

- Beauvoir, S. (1949/2008). *El segundo sexo*. Madrid: Cátedra.
- Freud, S. (1905/2007). Tres Ensayos para una teoría sexual. En *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1911/2007). Sobre un caso de paranoia descrito autobiográficamente. En *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1915/2007). Los instintos y sus destinos. En *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1919/2007). Los Caminos de la Terapia Psicoanalítica. En *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1931/2007). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. En *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1950/2007). Los orígenes del psicoanálisis. En *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Irigaray, L. (1978/2007). *Especulo de la otra mujer*. Madrid: Ed Akal.
- Irigaray, L. (1992/2009). *Yo, Tu, Nosotras*. Madrid: Ed Cátedra.
- Leivi, M (2014). Identidad de género y diferencia sexual. En: *Psicoanálisis APdeBA*, vol. XXXVI N° 2/3. Buenos Aires.
- Loreaux, N (1978/2004). *Las experiencias de Tiresias*. Barcelona: Ed El Acantilado.
- Lyotard, J. (1989). *¿Por qué filosofar?* Barcelona: Ed. Paidós.
- Richard, N. (1994). *La insubordinación de los signos*. Santiago de Chile: Ed. Cuarto propio.
- Rimbaud, A (1871/1995). *Iluminaciones*. Madrid: Ed Hiperión.
- Wittig, M. (1992/2006). *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: Ed Egales.

orduzsolamente@hotmail.com